

Educar para crescer

Antes de saírem dando “tesouradas” no orçamento da Educação do ano que vem, os tecnocratas da área econômica do governo deveriam dar uma espiada num interessante e revelador trabalho feito por dois técnicos do Ipea, entidade de pesquisa econômica ligada ao Ministério do Planejamento.

Inédito, o trabalho, intitulado “Investimentos em Educação e Desenvolvimento Econômico”, adverte que subinvestimento em educação afeta negativamente o crescimento de um país. Mostra também os ganhos, tanto nos indicadores econômicos quanto nos sociais, que o país poderá ter nos próximos 25 anos, caso aumente os investimentos e o nível de escolaridade da população.

Os autores do estudo, Ricardo Paes de Barros e Rosane Mendonça, expõem que o atraso educacional brasileiro leva a taxas de crescimento econômico entre 15% e 30% inferiores à esperada.

A pesquisa revela que, no Brasil, os gastos com educação são elevados – equivalentes a 10% da renda nacional –, mas ainda assim bastante inferiores – a metade – ao investimento bruto em capital físico da economia. Resumo da ópera: no Brasil, investe-se muito mais em máquinas, equipamentos e infra-estrutura do que em gente.

A educação, como se sabe, ajuda a elevar os salários dos trabalhadores via aumento da produtividade, além de incrementar a expectativa e a qualidade de vida da população. A tendência de um cidadão alfabetizado é controlar o número de filhos, a eficiência do uso de seus recursos, reduzindo a possibilidade de pobreza futura. Estes são efeitos privados da educação. Há os externos, indiretos.

Um sonho: o fim do atraso educacional

“Acreditamos que as externalidades geradas pela educação podem, em geral, superar em grande medida os seus efeitos privados”, dizem Paes de Barros e Mendonça no estudo que será divulgado terça-feira pelo Visor Ipea. “Vale ressaltar que os impactos do atraso educacional sobre o crescimento populacional, a mortalidade e o desempenho educacional futuro são pelo menos tão importantes quanto seu impacto sobre o crescimento econômico.”

Segundo a norma internacional, o atraso educacional do Brasil equivale a 0,9 ano de estudo. Se fosse eliminado até o ano 2000, diz o estudo do Ipea, a taxa média anual de crescimento da renda *per capita* brasileira seria, nos próximos 25 anos, de 0,4% – em outro exercício, o estudo mostra que uma década de investimentos em educação geraria aumento de 1,1 ponto percentual na taxa anual de crescimento do salário industrial.

Eliminado o atraso educacional, em 2025, a taxa de mortalidade cairia para 10,4 mortes por 1.000 nascidos vivos. A taxa de analfabetismo despencaria, em 2020, para 6,3% nos homens e 8% nas mulheres, equiparando o Brasil a países desenvolvidos. A eliminação do atraso educacional reduziria também, entre 10% e 15%, o crescimento populacional nesse período.

O governo brasileiro está às voltas com a preparação de mais um pacote fiscal, destinado a eliminar o déficit de 7,5% do PIB. Deveria mirar-se em exemplos como o do Japão que, em meio à crise do ano passado, também baixou medidas fiscais, mas estas não só preservaram de cortes as áreas educacional e tecnológica como também aumentaram a sua dotação.